



ARTIGO

**AS PRIMEIRAS
MIGRAÇÕES PARA O
ESPÍRITO SANTO: 8000
ANOS DE POVOAMENTO E
HISTÓRIA INDÍGENA**

Henrique Antônio Valadares Costa

Doutor e mestre em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Arqueólogo da Prefeitura Municipal de Vila Velha – ES.



Resumo

Este artigo apresenta um resumo, em forma de ensaio, das informações arqueológicas sobre a história da ocupação indígena pré-colonial no que é o atual estado do Espírito Santo. Com ênfase nas primeiras ondas migratórias, apresenta quais as etapas de ocupação, em sequência cronológica, grau de relação interétnica, indicação do padrão econômico de subsistência e as rotas de acesso.

Palavras-chaves: História indígena pré-colonial; arqueologia do Espírito Santo; povoamento indígena capixaba.

Abstracts

This article presents a summary in the form of an essay of archaeological information on the history of pre-colonial indigenous occupation in what is now the State of Espírito Santo. With emphasis on the first waves of migration, presenting the stages of occupation in chronological sequence, the degree of interethnic relations, indication of the economic pattern of subsistence and the access routes.

Keywords: Pre-colonial indigenous history, archaeology of Espírito Santo, indigenous settlement of Espírito Santo.

Introdução

Este artigo procura apresentar as levas migratórias que desencadearam o início do povoamento do Espírito Santo durante o período pré-colonial. Por sua vez, de antes da chegada dos primeiros assentamentos europeus nessa parte da costa brasileira.

A ocupação de um território é feita por dois processos migratórios, o povoamento e colonização. Na definição antropológica de Barfield a colonização é o assentamento físico de indivíduos (colonos) oriundos de um centro imperial para uma periferia territorial (BARFIELD, 2001). O povoamento, por sua vez, seria o processo migratório motivado pelo assentamento de áreas que proporcionem a reprodução de seu padrão de vivência. O processo pelo qual deu início ao povoamento do Espírito Santo é resultado dos eventos migratórios que partiram da Ásia, passaram pelo estreito de Bering se distribuindo por todo continente Americano (ADOVASIO; PAGE, 2011; CAVALLI-SFORZA; CAVALLI-SFORZA, 2002; NEVES, WALTER ALVES; PILÓ, 2008; SILVA; RODRIGUES-CARVALHO, 2006; TENÓRIO *et al.*, 2000). A colonização propriamente dita deu-se na chegada dos primeiros europeus em 1535 liderados por Vasco Fernandes Coutinho (BITTENCOURT, 2006; DAEMON, 2010; OLIVEIRA, JOSÉ TEIXEIRA, 2008; PENNA, 1878; VASCONCELLOS, 1858).

Há uma confusão entre a chegada dos portugueses com o início da história do Espírito Santo. Este é um equívoco atribuído a duas questões: a limitação das fontes históricas em tratar das sociedades sem registro escrito e a disputa política por protagonismo, dada principalmente pela invisibilização histórica para fins de apagamento de um grupo para enaltecer o outro (MICHEL, 2010).

Mas o que representa a História do Espírito Santo? Como citado, há um equívoco em atribuir que a história aconteceu somente quando os primeiros portugueses chegaram. No entanto, a história como processo existe para além do advento da escrita ou da criação de cidades de pedra. A história é uma característica fundamental da existência humana e como tal, remete à presença humana em contínua ocupação do continente americano, começando milênios antes

do século XVI. É a arqueologia a ciência fundamental para que haja uma história dessas sociedades.

As primeiras levas humanas no Espírito Santo eram caçadores (8000 a 3000 anos AP)

A data mais antiga de presença humana no Espírito Santo é de 8000 anos. Porém, ao verificarmos a ocupação de estados vizinhos é factível verificarmos que o povoamento do Espírito Santo começou entre 11 mil a 9 mil AP¹. O sítio arqueológico mais antigo, obtido pelo professor Celso Perota, é o sítio arqueológico Santa Maria, Santa Leopoldina (PEROTA, 1995). Pela associação do vestígio material a áreas próximas e pela literatura especializada sobre este período, eles foram uma sociedade de economia de subsistência do tipo caçador-coletor (NEVES, WALTER ALVES; PILÓ, 2008; PROUS, 1992, 2000). As condições climáticas encontradas por essas populações são definidas como início do holoceno médio, implicava em relativas transformações para um clima mais quente e úmido (ALVES, 2016).

Apesar de mais ameno que o pleistoceno (Era do Gelo) ainda era mais frio e seco do que o atual. No clima da época, entre as regiões centrais e sul do Espírito Santo era de savana, com florestas tropicais úmidas já consolidadas entre as regiões do rio Doce até o sul da Bahia (BRUSTOLINE; CALEGARI, 2013; CHUENG *et al.*, 2019; LORENTE *et al.*, 2015). Não há informações sobre a preferência alimentar, padrão de assentamento ou tipos de sepultamentos. Somente que teriam se distribuído entre os municípios de Santa Leopoldina até Cachoeiro de Itapemirim, Alegre e Jerônimo Monteiro, locais com achados de pontas de flexas e lanças bem acabadas de aleutas e pedúnculos (BELTRÃO, 1978; PEROTA, 1995).

Essa migração é resultado do processo de expansão humana para fora da África, passando pela Ásia, atravessando pelo estreito de Bering, se espalhando por todas as Américas. Mas a sequência regional de

1 Antes do Presente. Refecesse a calibração dos laboratórios de carbono 14 a 1950.

ocupação para o Espírito Santo ainda é incerta devido à falta de estudos direcionados. A informação atualizada pelos estudos de paleogenética de esqueletos proveniente de um sambaqui no norte do município de Vitória indicou miscigenação com grupos identificados de caçadores coletores do nordeste brasileiro. Um indivíduo de sambaqui com data de ~3000 anos cal AP possui miscigenação com populações caçadoras-coletoras do interior (FERRAZ *et al.*, 2023). O desenvolvimento dessa cultura ainda é nebuloso. Não sabemos o seu real início, que pode ser recuado a muitos milênios mais, considerando que a ocupação de estados vizinhos ultrapassa a 10 mil anos AP.

As rotas migratórias que vieram da América do Norte, que alcançaram a bacia amazônica há mais de 10 mil anos, seguiram até o nordeste brasileiro se distribuindo pelo vale do rio São Francisco até a bacia do rio Doce, seguindo até o Espírito Santo por onde seguiu pelas regiões altas. O desfecho conclusivo que temos a nossa disposição é que entre 8000 a 3000 anos atrás existiram grupos de caçadores-coletores por entre as montanhas e vales centro-sul do Espírito Santo. Devido à baixa densidade de sítios desse tipo, a demografia seria igualmente baixa. Porém, a ausência de pesquisas no interior impede qualquer consideração definitiva. É provável que essas populações tenham compartilhado o interior com outras culturas arqueológicas até 1000 anos AP.

O início do povoamento do litoral do Espírito Santo (7000 a 600 anos AP)

O povoamento do litoral ocorreu mil anos depois dos primeiros caçadores-coletores do interior. A data mais antiga foi de 7000 cal anos AP, extraída de um sambaqui de Linhares, o Suruaca 20 (VILLAGRAN *et al.*, 2018), quando chegaram no Espírito Santo já povoado por grupos de caçadores-coletores especializados em regiões mais interioranas. Para esse grupo, começa a haver um número maior de trabalhos e uma considerável quantidade de sítios arqueológicos, indicando um aumento significativo da demografia comparada aos vizinhos caçadores-coletores no interior. O que sabemos? Era uma sociedade bem adaptada à vida

costeira especializada aos estuários, sua economia de subsistência era de pescadores-caçadores-coletores (COSTA, 2020).

Distribuíram-se por toda a costa do Espírito Santo, com pouca penetração no interior. A vida, essencialmente estuarina, também era compartilhada com a caça e a coleta de vegetais nas florestas de restinga e ombrófilas. É evidenciada pela primeira vez a presença de lâminas de machado polida para o manejo em grandes árvores indispensáveis para a construção de embarcações (CALLIPPO, 2010).

A característica marcante desse tipo de ocupação é a construção de montes entre 0,5 m e 12 m, predominantemente de conchas, onde é comum terem sepultados seus mortos. A concentração desses sítios se dá na foz dos principais rios do Espírito Santo. Sobre a sua migração até o Espírito Santo a rota é ainda debatida sobre seu centro de origem. Uma hipótese é que fosse na região do vale do Ribeira em São Paulo, quando os sambaquis fluviais, descendentes de caçadores-coletores, adaptaram sua vida há 10 mil anos às regiões ribeiras. Depois de migrado para a costa, um grupo segue para o Sul até Santa Catarina e/ou passando pelo Espírito Santo até o Nordeste (LIMA, 2000). A segunda hipótese trata o primeiro centro de origem localizado em Santa Catarina, local dos maiores sambaquis do mundo, onde levas migratórias seguiram passando pelo Espírito Santo até o Nordeste (GASPAR, 1991). A hipótese mais recente envolve a possibilidade que grupos que atravessaram o estreito de Bering no início do povoamento americano teriam mantido padrões de assentamento costeiros que mantiveram até chegarem na costa brasileira, estes por sua vez teriam se consolidado durante a Era do Gelo (Pleistoceno) (VILLAGRAN, 2013).

Ao que tudo indica, os primeiros sambaquis do Brasil estão afogados pela elevação do nível do mar por meio do aquecimento das calotas polares, evoluindo de um clima mais seco e frio para o mais quente e úmido atual. Essas mudanças teriam começado a partir de 11.500 anos AP, quando chegou ao fim do pleistoceno para o holoceno atual. Ou seja, o que chamamos hoje de litoral foi parte do interior e a antiga linha da costa há grandes chances de ter sido os primeiros assentamentos sambaquieiros.

Em suma, o que de novo sabemos é que o período entre 8000 a 7000 anos AP foi mais diverso culturalmente, com caçadores-coletores pioneiros no interior e em sequência uma pujante vinda de pescadores caçadores-coletores dominando o litoral. A sociedade sambaqueira foi constante em seu padrão de assentamento com grande estabilidade entre 7000 a 1500 anos AP e persistindo com grande integração com os grupos ceramistas até 600 anos AP (COSTA, 2020; MACHADO, 2006; PEROTA, 1972; PEROTA; ASSIS, 1993; RIBEIRO, LOREDANA *et al.*, 2009; RIBEIRO, LOREDANA; JÁCOME, 2014).

Os primeiros ceramistas e agricultores

Uma segunda leva humana chegou transformando radicalmente o cotidiano e a diversidade cultural do território. Este é o período mais conhecido pela arqueologia brasileira, devido ao grande interesse despendido pelos pesquisadores e pela grande quantidade de fontes etnográficas e linguísticas deixadas pelos cronistas entre os séculos XVI ao XX (PROUS, 1992, 2006; TENÓRIO *et al.*, 2000). As rotas migratórias de chegada ao território do Espírito Santo tinham duas vias já conhecidas pelos pré-ceramistas. Os destaques, além da difusão via migração de vasilhas cerâmicas, estão na agricultura do milho, da mandioca, do cará, do maracujá, do feijão, do amendoim, da abóbora, do tabaco, da batata-doce, do algodão, além de árvores frutíferas como a goiaba, jabuticaba, pitanga, araçá, palmitos e o cajá, entre outras.

Arqueologicamente são definidas três tradições² correlacionadas a grupos etnolinguísticos: a tradição Una, relacionada aos falantes da língua Puri; a tradição Aratu, relacionada aos falantes das línguas Maxacali e Pataxó; e a tradição Tupi-guarani, relacionada aos falantes das línguas Tupinambá, Tupiniquim e Temininó (SOUZA, 1997).

A tradição Una e os indígenas Puri

Os primeiros ceramistas agricultores a terem chegado no Espírito Santo foram os grupos vinculados à tradição arqueológica Una, ancestrais diretos dos indígenas Puri. O debate sobre as origens e desenvolvimentos desse grupo segue inconcluso com duas vertentes corroboradas pelos dados linguísticos. O interior é compartilhado entre ambas. A primeira, indica os Puri tendo sua origem na região atual de Goiás, Unaí. Por volta de 3800 anos, seguiram por Minas Gerais e se distribuíram pelos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo (PROUS, 1992). A outra hipótese trata da origem dos grupos Puri em Minas Gerais, na região do rio Pomba, e de lá seguiram em direção ao litoral, primeiro no Rio de Janeiro e seguidamente para o Espírito Santo (LUFT, 2000). Em todas as rotas, segundo as datações disponíveis, indicam que seguiram de Minas Gerais para o Rio de Janeiro e depois para o Espírito Santo. A ampliação de pesquisas nas regiões serranas do sul do Espírito Santo pode trazer novos dados de uma rota direta para o Espírito Santo, até lá, só podemos afirmar os dados correntes (COSTA, 2017).

Na linguística temos duas correntes principais, a dos Puri, como um ramo dos Macro Jê orientais, com origens entre o Centro-Oeste e Sudeste, esta corrobora a primeira hipótese arqueológica (RODRIGUES, 1999) e a segunda, como um grupo linguístico isolado, sem vínculo com os troncos linguísticos conhecidos, pode corroborar com a segunda hipótese arqueológica de origem em Minas Gerais (NIKULI, 2020). Essas populações possuem as datas mais antigas entre os grupos ceramistas de 1400 anos AP, foram eles os primeiros a encontrar os caçadores-coletores do interior e os sambaqueiros do litoral. O registro seguro desta integração, pelo menos no litoral, é a presença de cerâmica em sítios costeiros (MACHADO, 2006; PEROTA; ASSIS, 1993).

Os Puri estavam distribuídos no Espírito Santo com presença constante abaixo do rio Santa Maria e com presença irregular até a margem sul do rio Doce (NIMUENDA)Ú, 1981). No litoral, pode ter sido recorrente, mas a incursão de outros grupos indígenas como os Tupi forçou a sua presença em regiões mais

2 Tradição Arqueológica construída pelo PRONAPA, que na definição de Alfredo Mendonça de Souza (1997) são: "Grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal" (PRONAPA, 1976). Uma sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica.

a interior. É provável que os Goitacá também fossem um ramo étnico dos Puri, aqui considerado como um mesmo grupo, pelo menos linguístico (BENTIVOGLIO; COSTA, 2022).

A cultura material dos Puri e Goitacá eram além das cerâmicas, os machados de lâmina polida. A base da alimentação pode ter alternado entre a caça e a pesca como principal, mas a agricultura e a coleta de frutos, sementes e raízes do bioma de mata atlântica eram a sua economia de subsistência. Presença marcante em abrigos rochosos como a gruta do Limoeiro em Castelo e o Abrigo Fortuna em Muqui, entre outros, como centros cerimoniais religiosos para sepultamentos.

A tradição Aratu e os Pataxó, Maxacali e Malali

Este grupo chega ao Espírito Santo há 1200 anos A.P. bem distribuídos por todo interior e litoral norte do Espírito Santo. O seu limite territorial é mais ao sul da baía de Vitória. A rota de penetração seguiu pelo sul da Bahia, ocupando os principais rios como Mucuri, São Mateus, Piraquê-Açu e Mirim, rio Doce até o Santa Maria da Vitória na parte norte à baía de mesmo nome. Os indivíduos desta tradição arqueológica encontraram os ancestrais dos Puri e dos sambaquieiros da costa quando chegaram. Seu padrão de povoamento, semelhante aos Puri, também era ordenado pela economia de subsistência, o que não é de todo conhecido, porque não sabemos ainda qual o peso da pesca nesta sociedade, mas eram agricultoras do cultivo do milho, principalmente, entre outras. A presença dos Macro-Jê no Espírito Santo é identificada pela documentação etnográfica por todo período Colonial, Imperial e mesmo na República. Além da cerâmica, havia a produção de lâmina de machado para o trabalho das madeiras espessas, como os Puri e sambaquieiros.

A distribuição foi intensa por todo o litoral e interior norte do Espírito Santo. Não se sabe o porquê de não ultrapassarem ao sul da ilha de Vitória. Provavelmente a resistência que grupos Puri tenha oferecido fosse suficiente em repelir a expansão dessa cultura.

Foram os primeiros a interagir com os grupos Tupi no Norte, havendo intensa influência cultural por meio de empréstimos culturais dos Tupi na cerâmica Aratu (FACCIO *et al.*, 2014; PEROTA, 1971b). Muitos sítios arqueológicos dessa cultura Macro-Jê foram identificados em territórios tradicionais Tupi, como Aracruz, rio Doce até a Ilha de Vitória, indicando a expulsão destes (ERLER, 2022).

A tradição Tupi-Guarani e os Tupinikim, Temininó e Tupinambá

Esta tradição arqueológica e histórica foi a que mais exerceu influência na formação da cultura brasileira, entre as demais culturas indígenas que tiveram em contato com o elemento colonizador europeu (FREYRE, 2006; RIBEIRO, DARCY, 2006). Esta foi a tradição arqueológica com maior distribuição no Estado, tendo ocorrência de sítios tanto no litoral quanto no interior. À exceção das regiões montanhosas da região sul do Espírito Santo (PEROTA, 2009).

As datas mais antigas são de 1200 anos AP. pouco depois das primeiras levas de a tradição Aratu ter chegado ao Espírito Santo. A relação desta sociedade com as demais é evidenciada no registro arqueológico. Culturas materiais, como estilos decorativos cerâmicos, foram encontradas entre sítios arqueológicos da tradição Aratu, indicando a apropriação por grupos Macro-Jê (FACCIO *et al.*, 2014; PEROTA, 1971b). Os Tupi adotaram estilos de lascamento de sambaquieiros na região de Anchieta, indicando não só influenciar, mas também receber influência de outros grupos (RIBEIRO, LOREDANA; JÁCOME, 2014).

Reforçando essa análise da integração entre Tupi e Sambaquieiros no Espírito Santo temos o registro de DNA antigo extraído de sambaqui de Vitória, apresentando a miscigenação entre si (FERRAZ *et al.*, 2023; STRAUSS, 2020).

A rota de penetração seguiu pela rota de norte a sul, pelo litoral brasileiro com saída dos estados do Nordeste em direção ao sul (CORRÊA, 2014). A sua distribuição passou pelos grandes rios exercendo o domínio dos principais como São Mateus, Doce, Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim, Santa Maria até o Itabapo-

na (FAUSTO, 2009; PEROTA, 1971a, 2009). A economia de subsistência era essencialmente pescadora, seguida pela caça, coleta e a agricultura. É provável que tenham sido os Tupi que trouxeram a cultura da mandioca ao Espírito Santo.

Conclusão

Não é possível conceber o desenvolvimento da cultura brasileira sem a presença indígena ao longo de toda a sua história. Cada vez mais surgem evidências das trocas culturais que ocorreram entre as populações indígenas pré-coloniais. Apesar de sociedades autossuficientes em termos econômicos, tem-se uma intensa trama comercial possibilitada pela organização social e territorial de cada grupo. Ao longo de 8 mil anos de presença (provável ser muito mais) construíram as primeiras transformações da paisagem natural, por meio do manejo das florestas, onde encontramos atualmente ampla variedade de espécies botânicas, que enchem a nossa culinária e tratam muitas das nossas doenças até hoje.

Até o início do século XVI, as populações indígenas do Espírito Santo cresceram, aumentando consideravelmente nos últimos 2000 anos com a chegada dos ceramistas horticultores. A previsão menos otimista relata o Brasil de 1500 com uma população geral de 3.235 milhões de habitantes e a capitania do Espírito Santo chegando a 130 mil indivíduos (HEMMING, 2007). Darcy Ribeiro atribuiu para 1500 uma população de 5 milhões de indígenas, o que convertendo para o Espírito Santo dariam provavelmente em torno de 200 mil indivíduos (RIBEIRO, DARCY, 2006). Entretanto, as pesquisas arqueológicas, sob coordenação de Eduardo Goes Neves, estipulam uma população entre 8 a 10 milhões de pessoas ao longo de 8 mil anos somente na região amazônica (NEVES, EDUARDO GOES, 2022), o que elevaria a população demográfica do Espírito Santo a números superiores a 300 mil.

Sobre a densidade populacional nas Américas ter sido elevada há um consenso entre os pesquisadores da história indígena americana. Com o andamento das pesquisas, o refinamento das informações

trará números cada vez mais acurados. Pesquisas recentes atribuíram uma “Pequena Era do Gelo” no mundo registrada com o congelamento do rio Tâmiisa na Inglaterra no início do século XVII, causado pela redução da temperatura devido à diminuição de CO₂, com a morte de 55 milhões de pessoas por epidemias após o 1492 (KOCH *et al.*, 2019), reduzindo todo o continente a menos de seis milhões de pessoas. O impacto disso localmente é bem registrado pelos cronistas do século XVI no Espírito Santo.

Referências

- ADOVASIO, J. M.; PAGE, Jake. **Os primeiros americanos: em busca do maior mistério da arqueologia**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- ALVES, Igor Charles Castor. **Resposta dos manguezais do Amapá, Rio Grande do Norte, Sul da Bahia e Espírito Santo às mudanças climáticas e flutuações do nível do mar durante o holoceno**. 2016. 101 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Pará, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/8871>>.
- BARFIELD, Thomas. Dicionario de antropología. **Bellaterra**, p. 810, 2001.
- BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho. **Pré-história do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Forense-Universitário: Instituto Estadual do Livro, 1978.
- BENTIVOGLIO, Julio; COSTA, Henrique Antônio Valadares. **Os Goitacá**. Vitória: Editora Milfontes, 2022. v. V.
- BITTENCOURT, Gabriel. **História Geral e Econômica do Espírito Santo: do engenho colonial ao complexo fabril-portuário**. 1. ed. Vitória: Multiplicidade, 2006.
- BRUSTOLINE, Lucas; CALEGARI, Márcia Regina. Colecao de referencia de fitolitos da floresta ombrofila densa (Linhares, ES)_subsidio para reconstrucao paleoambiental. 2013, Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2013. p. 3. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/147480999-Colecao-de-referencia-de-fitolitos-de-eudicotideoneas-da-floresta-ombrofila-densa-subsidios-para-reconstrucao-paleoambiental.html>>.
- CALLIPPO, Flávio Rizzi. **Sociedade sambaquieira, comunidades marítimas**. 2010. Programa de Pós-graduação em Arqueologia – Universidade de São Paulo, 2010.
- CAVALLI-SFORZA, Luca; CAVALLI-SFORZA, Francesco. **Quem somos? A história da diversidade humana**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CHUENG, K. *et al.* Aplicações de estudos de fitólitos para reconstituição paleoambiental em sítios arqueológicos: estudos de caso no Brasil. 2019, Ceará: [s.n.], 2019.
- CORRÊA, Ângelo Alves. **Pindorama de mboia e îakaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi**. 2014. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-17102014-154640/>>.
- COSTA, Henrique Antônio Valadares. **A ocupação holocênica no litoral norte do Espírito Santo**. 2020. Tese de Doutorado – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 2020.
- COSTA, Henrique Antônio Valadares. Um pouco da história e da cultura Purí. In: BENTIVOGLIO, JULIO (Org.). **História dos povos indígenas no Espírito Santo: os Purí**. 1. ed. Serra: Milfontes, 2017. p. 41–70.
- DAEMON, Basílio Carvalho. **Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística**. 2.º ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Província_do_espirito_santo.pdf>.
- ERLER, Dionne Miranda Azevedo. **Um estudo sobre a distribuição dos sítios arqueológicos da Tradição Aratu na paisagem capixaba**. 2022. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- FACCIO, Neide Barrocá *et al.* Vista do Vasilhas duplas Aratu (macro-jê) em Sítio Tupi-Guarani: evidência de contato? **Revista Ágora Vitória**, v. 1, n. 20, p. 6–23, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/9157/6428>>. Acesso em: 2 ago. 2020.
- FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CARNEIRO DA CUNHA, MANUELA (Org.). **História dos Índios do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 381–396.
- FERRAZ, Tiago *et al.* Genomic history of coastal societies from eastern South America. **Nature Ecology & Evolution**, v. 7, n. 8, p. 1315–1330, 31 jul. 2023.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.
- GASPAR, Maria Dulce. **Aspectos da organização social de um grupo de pescadores, coletores e caçadores: região compreendida entre Ilha Grande e o Delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro**. 1991. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1991.
- HEMMING, John. **Ouro Vermelho: a conquista dos índios brasileiros**. São Paulo: EdUSP, 2007.
- KOCH, Alexander *et al.* Earth system impacts of the European arrival and Great Dying in the Americas after 1492. **Quaternary Science Reviews**, v. 207, p. 13–36, mar. 2019.
- LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 44, p. 270–327, 2000.
- LORENTE, Flávio Lima *et al.* Fitólitos como indicadores de mudanças ambientais durante o Holoceno na costa norte do Estado do Espírito Santo. **Quaternary and Environmental Geosciences**, v. 6, n. 1, p. 26–40, 2015.
- LUFT, Vladimir José. **Da história à pré-história: as ocupações das sociedades Puri e Coroado na Bacia do Alto rio Pomba (o caso da Serra da Piedade)**. 2000. doutorado – UFRJ, 2000.
- MACHADO, Christiane. **Salvamento arqueológico na área de ampliação do aeroporto Eurico Salles, Vitória, ES. Relatório Final. Consórcio Camargo Corrêa/Mendes Junior/Estacon**. Vitória: [s.n.], 2006.
- MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? **Revista memória em rede**, v. 2, n. 3, p. 14–26, 2010.
- NEVES, Eduardo Goes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora/EduspdUSP, 2022.
- NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luís Beethoven. **O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos**. 1.º ed. São Paulo: Globo, 2008.

NIKULI, Andrey. **Proto Macro-Jê: um estudo destrutivo**. 2020. 571 f. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38893>>.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa etno-histórico de Curt Nimunedaju**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

OLIVEIRA, José Teixeira. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura do ES, 2008. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Livro_Historia_ES.pdf>.

PENNA, Misael Ferreira. **História da Província do Espírito-Santo**. Rio de Janeiro: Typographia de Moreira, 1878.

PEROTA, Celso. A fase Cricaré - um horizonte tardio da tradição tupi-guarani no estado do Espírito Santo. **Revista do CEPA**, 1971a.

PEROTA, Celso. A tradição Tupiguarani no estado do Espírito Santo. In: OLIVEIRA, ANA PAULA DE PAULA LOURES DE (Org.). **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. 1. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 2009. p. 99–109.

PEROTA, Celso. Considerações sobre a Tradição Aratu nos Estados da Bahia e Espírito Santo. **Boletim do Museu de Arte e História: arqueologia, Vitória**, v. 1, 1971b.

PEROTA, Celso. O sítio arqueológico Campus 2. **Revista de Cultura da UFES**, Vitória, v. 3, n. 1–2, p. 39–45, 1972.

PEROTA, Celso. **Os índios de Aracruz**. Vitória: [s.n.], 1995.

PEROTA, Celso; ASSIS, Valéria Soares De. O Sítio Areal. Estudo da preservação ambiental sobre a população pré-histórica do litoral do Estado do Espírito Santo. **Revista de Cultura da UFES**, Vitória, 1993.

PROUS, Andre. **Arqueologia Brasileira**. 1. ed. Brasília, DF: EdUnB, 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/972151?origin=crossref>>.

PROUS, Andre. As primeiras populações do Estado de Minas Gerais. In: TENÓRIO, MARIA CRISTINA (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 101–114.

PROUS, Andre. **O Brasil Antes dos Brasileiros - a Pré- História do Nosso País**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia do Bolso, 2006.

RIBEIRO, Loredana *et al.* Os Tupi-guarani do sul do Espírito Santo usavam muita pedra, além do barro - a indústria lítica pré-histórica tardia (e depois). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. 1. ed. São Paulo: ANNABLUME, 2009. p. 340.

RIBEIRO, Loredana; JÁCOME, Camila. Tupi ou não Tupi? Predação material, ação coletiva e colonialismo no Espírito Santo, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, v. 9, n. 2, p. 465–486, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M.; AIKHEN-VALD, ALEXANDRA Y. (Org.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 165–206. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1999-macro-je>>.

SILVA, Hilton P.; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. **Nossa origem: o povoamento das Américas - visões multidisciplinares**. 1º ed. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

SOUZA, Alfredo Mendonça De. **Dicionário de arqueologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

STRAUSS, André. **Arqueologia em DNA antigo nos sítios arqueológicos do Brasil e Espírito Santo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NwW6q9eB_Nc>. Acesso em: 29 maio 2022.

TENÓRIO, Maria Cristina *et al.* **Pré-história terra brasilis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

VASCONCELLOS, José Marcellino Pereira De. **Ensaio sobre a história e estatística da Província do Espírito Santo**. Vitória: Typographia de P. A D'Azeredo, 1858.

VILLAGRAN, Ximena Suarez. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. [S.l.: s.n.], 2013.

VILLAGRAN, Ximena Suarez *et al.* Os primeiros povoadores do litoral norte do Espírito Santo: uma nova abordagem na arqueologia de sambaquis capixabas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, v. 13, n. 3, p. 573–596, 2018.

